

**LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: TENTANDO
SUPERAR DEFASAGENS DE APRENDIZAGEM**

Angelina Batista, Livia Paschoal Tancler, Vinicius Marques Da Cruz

Eixo 3 - Formação do professor alfabetizador
- Relato de Experiência - Apresentação Pôster

Durante o ano de 2013 foi realizado o projeto intitulado “Alfabetização e construção da leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, numa escola municipal de Botucatu - SP. O projeto teve como objetivo auxiliar alunos de 3º e 4º anos do Ensino Fundamental no desenvolvimento de suas competências linguísticas, para que eles pudessem obter sucesso na leitura e escrita, uma vez que alguns deles, por razões diversas, não conseguiram se alfabetizar no período previsto para isso nas atividades escolares. Tomamos como ponto de partida as dificuldades de cada aluno e trabalhamos para que eles melhorassem seus desempenhos em relação à escrita e leitura. Para o desenvolvimento do projeto, foram utilizados materiais didáticos de uso escolar corrente, lúdicos e textos para atender a dificuldade de cada criança envolvida. Entre estes materiais estavam jogos de memória, contos para ler e interpretar e brincadeiras que favorecessem o aprendizado da leitura e escrita. O resultado do trabalho foi satisfatório, pois pudemos perceber o interesse dos alunos em realizar as atividades e o desempenho bem sucedido deles. Os alunos aprenderam a prestar mais atenção naquilo que escreviam, conseguindo, inclusive, corrigir os erros que cometiam durante a execução dos exercícios propostos. Passaram a ler com mais facilidade e, alguns, ficaram menos inibidos de expor ideias e realizar a leitura na frente dos demais. O projeto foi produtivo e obtivemos sucesso porque atendeu as crianças em suas dificuldades e deu a elas oportunidade de se expressarem melhor, se comunicarem com mais propriedade e de ter maior domínio da língua, sem falar na melhoria do desempenho em sala de aula, com notas mais elevadas. Palavras-chave: Alfabetização. Leitura e escrita. Dificuldades de aprendizagem.

LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: TENTANDO SUPERAR DEFASAGENS DE APRENDIZAGEM

Vinícius Marques da Cruz¹, Angelina Batista², Livia Paschoal Tancler³. UNESP - Instituto de Biociências/ Botucatu

O projeto do Núcleo de Ensino – IBB – Botucatu intitulado “Alfabetização e construção da leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, foi desenvolvido durante o ano de 2013 numa escola municipal de Botucatu – SP. Neste texto, relatamos essa experiência, focalizando, além das ações desenvolvidas, algumas questões que merecem reflexão quanto às metodologias que poderiam ser aplicadas a alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita.

Partindo da preocupação com aqueles alunos que, embora participando com regularidade e frequência das aulas, não conseguiram sucesso em seu processo de alfabetização, apesar de já estarem no terceiro e/ou quarto anos do Ensino Fundamental, foi que propusemos desenvolver as atividades deste projeto. Inicialmente, pretendíamos trabalhar com alunos do segundo ao quarto ano. Por sugestão da Coordenação Pedagógica da escola, optamos por realizar o projeto com alunos dos terceiros e quartos anos, porque estes, por serem mais velhos e continuarem a apresentar muitas dificuldades, tinham mais urgência de verem seu rendimento escolar melhorado.

Aceita a proposta, foram desenvolvidas atividades com alunos de quatro classes de terceiro ano e quatro classes de quarto ano, num total de 44 (quarenta e quatro alunos). Eles foram divididos em duas turmas no período da manhã e duas turmas no período da tarde. As turmas do período da manhã eram compostas, respectivamente, por onze alunos dos terceiros anos A e B e dez alunos dos quartos anos A e B. As turmas do período da tarde em compostas por treze alunos dos terceiros anos C e D e por 10 alunos dos quartos anos C e D. Os alunos tinham idade entre oito e dez anos de idade e no grupo predominavam os de sexo masculino. Antes de passarmos ao relato da experiência, convém recordar os pressupostos que embasaram o projeto.

Consideramos que no processo de alfabetização e de domínio do código linguístico, é de absoluta importância que o aluno se aproprie dos mecanismos de construção da linguagem que lhe estão disponíveis pela própria língua natural de que é falante. Ou seja, a língua materna organiza-se em torno de escolhas e combinações que se efetuam nos eixos sintagmáticos e paradigmáticos da linguagem (MARTINET, 1972). Dada uma palavra, sempre é possível, com ela, construir uma frase significativa porque toda palavra tem uma posição no encadeamento da ideia e um modo de combinação entre os termos da frase, que representam, também, uma escolha do falante. Perceber

como a língua se articula (GENOUVRIER, E., PEYTARD, J., 1974) é de fundamental importância para domínio da expressão linguística. A não compreensão desses mecanismos de escolha e seleção acarreta, com frequência, dificuldades na aprendizagem da língua escrita. Por outro lado, o mau domínio da língua natural acaba por prejudicar a compreensão dos demais conteúdos escolares, visto que estes, invariavelmente, são veiculados pela linguagem quer oral quer escrita. Ter familiaridade com o modo de estruturação da língua e perceber como a língua funciona pode facilitar a aprendizagem da leitura e escrita, pois a alfabetização não significa apenas reconhecer os sinais gráficos e decodificá-los. Esta identificação visual é importante, mas, como temos muito bem identificado em pessoas que dizem alfabetizadas, não significa domínio da leitura e escrita. Falta uma apropriação dos mecanismos de estruturação da língua que, talvez por desconhecimento, muitos alfabetizadores não utilizem. Não é por acaso que a maioria da população brasileira lê e escreve mal (GALHARDO, 2014). Experiências com atividades de leitura e escrita que envolvem os eixos paradigmáticos e sintagmáticos serão apresentadas mais abaixo neste texto.

Algumas crianças, por razões diversas, não conseguem se alfabetizar no período previsto para isso nas atividades escolares. Estes alunos acabam ficando à margem do processo regular de escolarização e, embora frequentando as aulas assiduamente, não apresentam bom desenvolvimento e desempenho escolar. Como o sistema educacional não prevê retenção do aluno nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os alunos com dificuldades vão somando insucessos, que acumulados de um ano para o outro, tornam-se quase insuperáveis. Obviamente que não advogamos a proposta de retenção do aluno após cada ano escolar. Entretanto, é certo que vários alunos não alcançam o desenvolvimento esperado para o ano em que estão matriculados. Trabalhar com esses alunos e possibilitar-lhes o pleno desenvolvimento de suas capacidades são metas que não podem ser esquecidas.

Ao chegarem ao segundo ano do Ensino Fundamental, alguns alunos já estão defasados com relação a seus colegas que acompanharam melhor a aprendizagem no ano anterior. O desempenho deles no segundo ano já é menor que o dos outros alunos que vêm acompanhando a aprendizagem. Esta defasagem se acentua nos terceiros e quartos anos. A cada ano de escolarização transcorrido, para um aluno com dificuldades de aprendizagem, torna-se mais difícil tentar recuperar e superar as defasagens. Tendo esta preocupação em mente, propusemos o projeto que ora relatamos.

Num primeiro momento, buscamos, junto à direção e coordenação pedagógica da Unidade Escolar, identificar quais alunos fariam parte do projeto. O critério adotado foi selecionar aqueles alunos, do terceiro e quarto anos, que apresentavam dificuldades de aprendizagem porque ainda não dominavam a leitura e a escrita. Selecionados os

alunos, realizamos uma atividade diagnóstica para ver o que cada um já sabia, além de verificarmos como esses alunos se comunicavam entre si e se havia entre esses alunos alguns com dificuldades de expressão oral.

A primeira observação que pudemos fazer desses alunos é que eles não apresentavam dificuldades de comunicação. Oralmente, eles se expressavam com espontaneidade, alegria, coerência, clareza. Pronunciavam corretamente as palavras e conheciam o significado das palavras que utilizavam. Falavam dentro do previsto pela estrutura da Língua Portuguesa. Ou seja, produziam falas com começo, meio e fim. Com sujeito, verbo e complementos. Dadas algumas palavras, eles informavam corretamente seu significado, muitas vezes até nos surpreendendo, visto que apresentavam muitos sentidos para a palavra dada. Como exemplo, apresentamos a palavra “nota” e perguntamos o que esta palavra queria dizer. As respostas foram: “nota da escola”; “nota de dinheiro”, “nota fiscal”; “nota promissória”; “nota de música”. Podemos dizer que esses alunos não tinham grandes dificuldades com a linguagem oral. Sempre que surgia uma palavra nova, apresentada por nós ou por algum texto, ou porque algum aluno a trazia, perguntávamos o significado e, quase sempre, alguém da turma sabia o que a palavra queria dizer. Foram muitas as evidências de que esses alunos eram proficientes em sua língua materna, evidentemente que respeitadas a idade e a escolaridade deles.

Os alunos apresentavam comportamento comum a todas as crianças de sua idade. No entanto, embora todos se comunicassem bem entre si, havia uma escala de participação no grupo: alguns (poucos) sempre muito quietos e outros (a maioria) em constante interação com seus colegas, seja conversando, seja trocando material escolar (lápis, borracha, apontador). Havia alguns com baixa capacidade de concentração, visto que rapidamente passavam de uma atividade a outra. Por exemplo, se todos estavam tentando formar uma palavra, alguns não tentavam realizar a atividade e começavam a conversar com o colega ou até a interagir com ele de forma a distraí-lo. Havia também aqueles que interagiam com os colegas somente depois de executada a tarefa, o que parece absolutamente normal, embora essa atitude gerasse agitação no grupo, pois, por serem mais rápidos, não conseguiam ter paciência e esperar que seu colega terminasse a atividade proposta.

Na avaliação diagnóstica identificamos que quase todos os alunos escreviam com letra bastão. Muitos escreviam a palavra toda; outros, apenas parte dela, suprimindo letras no meio da palavra ou terminando-a de forma incorreta. Alguns poucos conheciam a letra cursiva e a utilizavam. Nesse grupo havia um aluno que não escrevia nada. Todos os alunos escreviam o próprio nome, com letra bastão, em sua maioria, mas nem todos escreviam o nome completo, ou seja, escreviam apenas o primeiro nome. Vários deles liam sílabas simples; outros, os com maior dificuldade, identificavam as letras, mas não

conseguiram ler as palavras. Esses alunos não conseguiam escrever frases ou pequenos textos.

Percebemos que os alunos haviam automatizado algumas leituras, tendo decorado a sequência das letras. Eles repetiam corretamente o alfabeto inteiro e também a sequência das vogais. O texto que utilizamos na avaliação diagnóstica era conhecido deles. Quando pedimos que lessem, alguns alunos simplesmente contavam a história, de forma memorizada, não lendo realmente o texto. Colocadas as vogais (a – e – i – o – u), invariavelmente eles liam: “a – e – i – o – u – ão”, incluindo na sequência das vogais um “ão” que representa já a combinação de duas vogais e não lhes havia sido apresentado por nós, evidenciando um automatismo de leitura que é fruto de memorização e não de real aprendizado. O mesmo ocorria com as consoantes. A maior dificuldade desses alunos era unir as consoantes às vogais. Eles identificavam todas as consoantes tais como elas aparecem no alfabeto, mas não sabiam ler as sílabas formadas, mesmo que fossem sílabas simples. Com algumas consoantes, no caso “b, p, d, v, t,” era mais fácil ler a consoante com a vogal. No caso das consoantes “f, r, s, m, n, l,” era difícil uni-las às vogais. Por que “m” + “a” dá “ma” se eu leio “eme” + “a”? Os alunos que não conseguiam ler olhavam-nos com rostinhos de interrogação. Parece-nos que aqui há um enrosco no processo de alfabetização. Como não estávamos realizando pesquisa e atuávamos com alunos de terceiros e quartos anos, não tivemos acesso aos momentos iniciais de escolarização quando esses alunos foram introduzidos no universo da escrita.

Durante a avaliação diagnóstica, encontramos uma aluna que se recusou a ler, dizendo: “eu não sei ler”. Diante de nossa insistência para que lesse, disse: “eu já disse a você que não sei ler”. Em nosso próximo encontro, apresentei a ela uma caneta e perguntei-lhe: “o que é isto?” “Uma caneta”, respondeu. “Para que serve a caneta?” “Para escrever, ora”. Ao que eu lhe respondi: “Você sabe ler. Ler é saber o que a coisa é e para que ela serve. Você ainda não lê tudo, mas você lê muitas coisas”. Esta menina ficou no projeto e ao final lia várias palavras e nunca mais afirmou que não sabia ler.

Diante desse diagnóstico, iniciamos nossas atividades com os alunos. Buscamos envolvê-los em atividades diferentes daquelas que eles tinham em sala de aula. Para isso, utilizamos imagens diversas (de animais e seus ambientes, de ilustrações de histórias infantis). Promovemos jogos e brincadeiras, realizamos escrita de pequenos textos a partir daquilo que os alunos nos diziam, lemos poemas do livro “Ou isto ou aquilo” de Cecília Meireles e também pequenas histórias infantis.

Nas primeiras aulas as atividades realizadas consistiram na formação de palavras com sílabas simples. Os alunos formavam as palavras e as liam. Antes de formar as sílabas verificávamos se os alunos conseguiam identificar todas as letras. Letras identificadas, formávamos as sílabas. Como vimos na avaliação diagnóstica, todos

reconheciam as letras do alfabeto. A dificuldade era ler as sílabas formadas com o acréscimo das vogais às consoantes. Por isso, decidimos montar alguns pequenos quadros silábicos, a partir de uma palavra-chave que apareceu na historinha infantil lida: “A história da dona Baratinha”. A palavra “barata” permitiu formar o quadro abaixo:

BA	RA	TA
BE	RE	TE
BI	RI	TI
BO	RO	TO
BU	RU	TU

Oralmente, os alunos começaram a formar algumas palavras, combinando as diferentes sílabas. As palavras formadas eram escritas na lousa e depois todos as liam. Variávamos a leitura, pedindo a um dado aluno que lesse a palavra apontada. Ou a todos que lesse a palavra indicada.

A atividade de reconhecimento das sílabas simples e formação de palavras foi desenvolvida por várias vezes durante o projeto. Os alunos se interessavam por este tipo de exercício e participavam ativamente.

Desenvolvemos também com os alunos brincadeiras interativas. Entre essas brincadeiras está o “Stop”, no qual os alunos, divididos em pequenos grupos, recebiam, por meio de sorteio, uma letra. O grupo deveria escrever palavras que se iniciassem com a letra sorteada. Para todos os grupos era pedido que eles encontrassem palavras iniciadas com a letra atribuída ao grupo, mas palavras que fossem, por exemplo, nome de lugar, de cor, de alimento, de fruta. Findo o tempo marcado, o coordenador da atividade falava “stop” e ganhava o grupo que tivesse conseguido maior número de palavras escritas corretamente.

Outra atividade semelhante e que permitia uma maior liberdade para os alunos foi o “Passa ou Repassa”. Os alunos eram novamente divididos em grupos e o coordenador na brincadeira sorteava uma letra; cada grupo deveria escrever o máximo de palavras que soubesse com a letra sorteada. Ao fim de cada rodada era feita a contagem das palavras escritas corretamente pelo grupo. Fazia-se a correção das palavras que foram redigidas de forma equivocada. Um ponto era atribuído para o grupo que tivesse escrito mais palavras e de forma correta. Depois disso um novo desafio se iniciava: os grupos trocavam entre si suas letras e escolhiam um representante que iria falar as palavras começadas pela letra sorteada. Não poderiam repetir as palavras que já haviam sido escritas na primeira fase do jogo. Caso o representante não soubesse uma palavra, passava a vez para o grupo oponente. Se este também não soubesse, repassava para

outro companheiro. Percebemos que atividades simples como estas atraíam mais rapidamente a atenção dos alunos para as aulas, tornando-os mais desinibidos e estimulando-os a aprender mais e resolver o que lhes era pedido.

Outra tática utilizada por nós e que facilitou nossa interação com os alunos, foi deixar que eles escrevessem na lousa. Isto permitiu que déssemos atenção individual a cada um, percebendo o ponto exato em que tinham dificuldade e os corrigindo na hora. A aula tornou-se mais dinâmica para os alunos e para nós também.

Após sentirmos que a maioria dos alunos estava dominando a técnica de formação de palavras, decidimos dar um passo a mais. Começamos então a montar pequenas frases com os alunos e a incorporar nelas trechos de textos, fábulas e poesias populares, de histórias que eles já conheciam como A Princesa e o Sapo, Cinderela, João e o Pé de Feijão e que faziam parte das leituras semanais que lhes apresentávamos. Paralelamente ao desenvolvimento da escrita dos alunos, fomos, aos poucos, inserindo informações sobre o conhecimento de Biologia. Por exemplo, se aparecia uma borboleta na história, explicávamos como surge a borboleta, como acontece o processo de metamorfose. Ilustrávamos as informações com material didático como casulos, por exemplo. Escrevíamos com eles uma história envolvendo as borboletas; ou seja, eles dizendo o que gostariam de falar sobre as borboletas. Nós os estimulávamos a que dessem nome às borboletas que apareciam na história, contassem onde elas estavam e o que elas estavam fazendo, etc. Ao final, colocávamos esta história, escrita coletivamente, numa grande folha de papel e pedíamos que todos lessem a história produzida. Isto favoreceu muito a percepção de que eles conseguiam produzir um texto. Aos poucos, os alunos foram participando mais e mais a ponto de termos de pedir que escolhessem qual das frases apresentadas entraria no texto final.

Um tipo de exercício que também foi desenvolvido consistia em apresentar um quadro com palavras retiradas da história lida e pedir que eles combinassem as palavras para formar uma frase. A frase poderia ser semelhante à da história lida ou poderia ser outra, desde que fosse coerente e tivesse um significado possível. No quadro abaixo temos um exemplo desse tipo de exercício:

O	BOLA	TRANSFORMARAM
A	PRÍNCIPE	CAIU
OS	BRUXAS	PULA
AS	SAPO	CASOU

Outra forma de exercício foi pedir aos alunos que fizessem um desenho. Feito o desenho, pedíamos que ele criasse uma história para o desenho. Inicialmente o exercício foi oral. Depois estimulamos os alunos para que procurassem escrever sua própria história.

O resultado do trabalho foi satisfatório, pois pudemos perceber o interesse dos alunos em realizar as atividades e o desempenho bem sucedido deles. Os alunos aprenderam a prestar mais atenção naquilo que escreviam, conseguindo, inclusive, corrigir os erros que cometiam durante a execução dos exercícios propostos. Passaram a ler com mais facilidade e, alguns, ficaram menos inibidos de expor ideias e realizar a leitura na frente dos demais. O projeto foi produtivo e obtivemos sucesso porque atendeu as crianças em suas dificuldades e deu a elas oportunidade de se expressarem melhor, se comunicarem com mais propriedade e de ter maior domínio da língua, sem falar na melhoria do desempenho em sala de aula, com notas mais elevadas.

Palavras-chave: Alfabetização. Leitura e escrita. Dificuldades de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

Galhardo, Ricardo - O Globo - "**De 15 a 64 anos, 75% dos brasileiros leem mal**"

MONTFORT Associação Cultural. Disponível em:

<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=imprensa&subsecao=cotidiano&artigo=20050909&lang=bra>. Acesso em 28/01/2014 às 17:02h

GENOUVRIER, E., PEYTARD, J. *Linguística e ensino do português*. Coimbra: Almedina, [1974.]

MARTINET, A. *Elementos de linguística geral*. Lisboa: Sá da Costa, 1972.

¹ Graduando em Ciências Biológicas – Licenciatura – IBB - UNESP

² Professor Assistente Doutor – Departamento de Educação – IBB - UNESP

³ Graduanda em Ciências Biológicas – Licenciatura – IBB - UNESP